

Febre amarela ameaça população de miquis-do-norte

Categories : [Notícias](#)

A epidemia de febre amarela não ameaça apenas os humanos. Populações inteiras de primatas já foram dizimadas por surtos da doença ao longo da história. A atual epidemia que acomete as zonas rurais de Minas Gerais e Espírito Santo [já mataram quase 100 macacos](#), a grande maioria bugios (*Alouatta*). O município de Caratinga (MG), onde fica localizada a [Reserva Particular do Patrimônio Natural \(RPPN\) Feliciano Abdala](#), lar da população de miquis-do-norte mais estudada do país, está no epicentro do atual surto de febre amarela. Especialistas temem que a doença atinja a população já ameaçada de extinção.

A preocupação não é infundada: primatas são muito vulneráveis ao contágio da doença. Se a taxa de mortalidade em humanos chega a 50% em infectados não tratados, em primatas ela ultrapassa 90%, o que torna os animais indicativos perfeitos de que a região está sendo atingida pela epidemia.

A febre amarela é uma doença infecciosa febril aguda, causada por um vírus e transmitida unicamente por mosquito. A contaminação se dá quando uma pessoa (ou macaco) é contaminada pelo vírus e em seguida mordida por um mosquito, que passará a ser o transmissor da doença. Na região rural, o transmissor normalmente é o mosquito *Haemagogus* ou *Sabethes*. Nas cidades, o vetor é o famoso *Aedes aegypti*. Desde 1942 não é registrado a ocorrência de febre amarela urbana no país.

A silvestre, que ocorre em regiões rurais ou de mata, nunca deixou de ocorrer. O último grande surto, em 2009, causou a morte de mais de 2 mil bugios no Rio Grande do Sul, falecidos ao contrair a febre ou assassinados. Por ignorância, é comum primatas serem mortos em surtos de febre amarela, acusados de serem os causadores da doença. Não são.

“Os primatas são os nossos sentinelas, eles que estão indicando que a doença está ali e que pode atingir os humanos. Se pensar direito, os macacos mal servem de reservatório [do vírus] porque acabam morrendo muito rápido. Os humanos, por terem mais resistências, é que vão permitindo que o mosquito que os pica possa transmitir o vírus para outra pessoa”, explica o primatólogo Fabiano Rodrigues de Melo, professor da Universidade Federal de Goiás e um dos maiores especialistas do país em Miquis.

O vírus, letal para os primatas, já causou a extinção de populações inteiras ao longo da história. Segundo Melo, já foi verificada a existência de mata fechada sem nenhum primata para contar a história e sem sinal de que a extinção local foi causada pela caça. A nova epidemia, que aparentemente ainda não atingiu a população de Miquis, preocupa os especialistas. Uma

mortandade em regiões como no leste de Minas Gerais e na Serra do Espírito Santo, onde atualmente há casos registrados de febre amarela, poderá colocar em risco a preservação da espécie como um todo, que sem a epidemia já é considerada criticamente ameaçada de extinção. [Existem menos de mil muriquis-do-norte soltos na natureza.](#)

Uma das alternativas para proteger os primatas, principalmente os muito ameaçados, seria a vacinação dessa população. Como fazer e quanto custa uma operação de vacinação de primatas ainda precisa ser estudado, mas a discussão será levada para o [XVII Congresso Brasileiro de Primatologia](#), que será realizada em agosto, em Goiás. Ação já usada na África em gorilas, a vacinação de populações de primatas livres na natureza pode ser uma boa alternativa para evitar a perda desses animais.

“Diante das ameaças, diante de populações tão pequenas, se a gente perde populações como essa de Caratinga [...], talvez valha a pena a gente tentar prevenir vacinando os bichos, mesmo que custe caro. É algo a se estudar”, defende Melo.

Saiba Mais

[Especialistas orientam sobre prevenção contra febre amarela \(em humanos\)](#)

Leia Também

<http://www.oeco.org.br/reportagens/21131-do-norte-ou-do-sul-muriquis-brasileiros/>

<http://www.oeco.org.br/blogs/olhar-naturalista/27262-uma-historia-de-dois-muriquis/>

<http://www.oeco.org.br/noticias/mais-de-metade-dos-primatas-do-mundo-podem-desaparecer-em-50-anos/>